



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-eixo: Ênfase em Educação.

Raimundo Rocha Ferreira Filho¹
Ticiane Gomes de Siqueira²
Antonia Jorgiana Silva Marques³

FORMAÇÃO HUMANA, SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES MARXISTAS

Resumo: No texto em tela discutiremos a formação humana, esta entendida em um processo amplo, de tornasse humano e na construção de valores humanos que afirmam ou negam a ordem social estabelecida, sabemos que tal empreitada é demasiado grande, por isso centramos nossas reflexões sobre o complexo social educação e as forças sociais em meio a qual foi necessária uma nova profissão o serviço social. Pensamos que estes, por assim dizer, dois complexos sociais foram essenciais no controle dos corpos rebeldes que ameaçaram ou ameaçam a ordem.

Palavras Chave: Formação Humana. Serviço Social. Educação.

Abstract: In the text on screen we will discuss human formation, understood in a broad process, to become human and in the construction of human values that affirm or deny the established social order, we know that such work is too great, so we focus our reflections on the complex social education and social forces in the midst of which a new profession was necessary social service. We think that these, so to speak, two social complexes were essential in the control of rebel bodies that threatened or threatened order

Keyword: Human Education. Social Work. Education.

1 INTRODUÇÃO

No tem texto em tela, que consideramos um ensaio⁴, traçaremos algumas reflexões acerca da Formação Humana, Serviço Social e Educação a partir de um referencial Marxiano e Marxista, daremos ênfases às ricas análises de Karl Marx(1999 e 1983),

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Ceará. E-mail: <raimundo.rocha@aluno.uece.br>.

² Profissional de Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: <raimundo.rocha@aluno.uece.br>.

³ Estudante de Pós-Graduação. Faculdades Plus. E-mail: <raimundo.rocha@aluno.uece.br>.

⁴Consideramos esse texto um ensaio ao estilo da escrita de Segato, e posição da autora ao discorrer sobre a forma da produção de conhecimento na América Latina. Rita Laura Segato é uma antropóloga argentina que leciona na Universidade de Brasília – UnB – há mais de trinta anos, a autora discorre em uma palestra que deu ao *Instituto de Investigaciones Geohistóricas*– Connicet / UNNE – sobre a colonialidade do saber/poder que a América latina é colonizada de várias formas e que uma delas é a produção do conhecimento. Segato elucida que a forma de produção do conhecimento verdadeiramente latina é o ensaio, em seu livro *Guerra Contra lasMujeres*(2016), a autora reuniu alguns ensaios que publicou em vários países da América Latina, os quais podem ser observados a partir do conteúdo e da forma, a escrita de Segato é uma linguagem simples e profunda e em certa medida livre, livre das amarras e do jargões que em busca de científica limita a capacidade expressiva de quem escreve. A citada palestra pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=R1WUT_eRQG8>

Engels,(1982) Lukács (1989 e 2018), e na esteira destes Mészáros(2011),e Federici (2010), importante também nos foram, as reflexões de Foucault (2009 E 2010)Bonder (1988), e Brandão (2007). Partindo de um referencial marxista embora dialogando com outros horizontes teóricos, é salutar discorrermos sobre o trabalho enquanto categoria ontológica e criadora do próprio gênero humano, por isso discorreremos na primeira parte deste texto, embora brevemente tendo em vista os limites dessa exposição,o caminhar humano a partir do labor, apontaremos também o nosso percurso metodológico e de onde nasceu nosso anseio por esta reflexão.

Num segundo momento, discorreremos sobre o Serviço Social e a posição ocupada pelas profissionais no histórico processo de surgimento e imposição do capitalismo e posteriormente sob a tomada de consciência de classe da categoria profissional que tentou romper com suas protoformas, processo incluso e que na atualidade demonstra serias conturbações que nos leva a pensar em um retrocesso no que a categoria avançou nas ultimas duas décadas.

Na terceira parte deste ensaio, explanaremos nossas reflexões sobre a educação, os anseios e desejos que são colocados sobre este complexo social e o lugar que o mesmo ocupa enquanto capacidade crítica e de elaboração de discursos e práticas que possam auxiliar na criação de comportamentos éticos e capazes de avançar na percepção do que chamamos *vozes do corpo*, que no momento atual são, ao nosso ver, desconsideradas e por isso importantes bases para o momento histórico de avanço de contra valores e de tomada de poder pelas personificações do horror e de barbárie, em meio a crise estrutural do capital que assola a sociedade contemporânea desde a década de 70 do século passado como aponta Mészáros (2014).

2 O TRABALHO COMO PROTOFORMA DO AGIR HUMANO

Engels (1982) nos apresenta a importância do trabalho para o devir histórico do ser social, o autor mostra como a atividade laboral humanizou o ser puramente biológico. Inicialmente foram as mãos os instrumentos e o resultado desse processo, o filósofo anglo-alemão explicita que até que a primeira lasca de sílex tenha sido transformada em um objeto levou um período de tempo incomensurável, contudo, o passo ontológico havia sido desencadeado, a mão havia sido liberada e a partir daí poderia desenvolver-se levando com isso, em processo conjunto, todo o corpo, desenvolvendo inclusive os sentidos humanos. Ideia corroborada por Marx nos seus brilhantes Manuscritos econômico-filosóficos (1844) em que elucida que o desenvolvimento dos sentidos foi um trabalho de toda a história humana.

Com a morte de Marx em 1883 e muitos de seus escritos ainda desconhecidos⁵, suas idéias foram resumidas e por vezes deturpadas, contudo, um grande filósofo húngaro, Georg Lukács, dedicou sua longa trajetória intelectual à recuperação da teoria marxiana e nos agraciou com os fundamentos ontológicos para a interpretação do real que haviam sido inaugurados por o autor supracitado. Lukács (1982) elucida que o autor d'O Capital, além de instaurar uma nova epistemologia formulou uma nova ontologia: a do ser social.

N' A Ideologia Alemã, Marx e seu fiel amigo Engels, evidenciam que suas bases para a compreensão da realidade é o ser concreto, explicitam que o primeiro ato histórico é a produção de novas necessidades, todavia, para que o concretizem, as pessoas precisam estar com suas atividades vitais em funcionamento e suas necessidades primárias satisfeitas.

Nesse sentido, tendo o trabalho como protoforma do agir humano, a vida social foi se complexificando, o longo e complexo fazer-se do ser humano foi tomando forma no leito do rio histórico. Das sociedades consideradas primitivas⁶, chegamos a sociedades de classes⁷ sendo a mais recente e nela vivemos, a sociedade capitalista, a qual nas palavras de Marx e Engels (2008, p. 12), "Onde passou a dominar, destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Dilacerou sem piedade os laços feudais, tão diferenciados, que mantinham as pessoas a amarradas a seus 'superiores naturais' [...]". E prosseguem afirmando, "sem pôr no lugar qualquer outra relação entre os indivíduos que não o interesse nu e cru do pagamento impessoal e 'insensível em dinheiro'. (MARX; ENGELS, 2008, p. 12).

Outrossim, os citados autores (2008) reconhecem o papel revolucionário da burguesia, mas em nenhum momento obnobilam seu caráter essencialmente contraditório, se por um lado gera esplendor e beleza, por outro causa horror e guerra. Paulo Netto (2001), explicita que a própria expressão "Questão Social" é originária da contradição fundamental entre capital e trabalho e que o termo foi cunhado para designar o crescente pauperismo emergente em meio à revolução industrial se um por lado aumentava-se a produção de riqueza por outro se alastrava a pobreza. Essa segundo o teórico em referência, é diametralmente oposta à miséria presente em outros modos de produção, como a sociedade feudal, se nesta existia escassez era devido o rudimentar estado das forças produtivas, no capitalismo, por outro lado, há um crescente pauperismo em meio à produção exacerbada.

⁵ Lembremos por exemplo que A ideologia Alemã e Os Manuscritos Econômico-Filosóficos só foram publicados em 1932, há quase cinquenta anos da morte de Marx.

⁶ Marx e Engels explanam que na verdade a sociedade capitalista é a pré-história humana e que somente ultrapassaremos essa fase quando chegarmos á uma sociedade emancipada e livre, baseada no trabalho associado, na feliz expressão de Tonet, na livre associação de trabalhadores (as) livres.

⁷ Aqui vale ressaltar os primorosos estudos de Mandel, este em seu célebre livro *Introdução ao Marxismo*, nos mostra o processo de transformação social na qual as sociedades, dita, primitivas, descobriram a agricultura e a domesticação de animais e puderam a partir daí alimentarem não apenas os seus clãs, mas também os seus prisioneiros de guerra que se antes eram mortos, poderiam então ser alimentados e utilizados como força de trabalho escrava, dando origem às sociedades de classes.

No jogo de forças entre as classes emergentes, proletários e burgueses, emerge a “questão social”⁸, essa fruto da contradição fundamental entre capital e trabalho, o ser do trabalho por meio de sua rebeldia rompeu a esfera privada e expôs sua opressão, desde esse momento buscou-se formas de controle dessa massa de rebeldes que colocam dificuldades para a conquista da hegemonia, da então, nova classe dominante. (IAMAMOTO E CARVALHO, 2012)

No fogo da luta, a história foi sendo trilhada, do Movimento *Luddita*⁹ aos *JiletsJaunes*¹⁰, e ao longo desse processo algumas estratégias foram sendo criadas para manter a reprodução do capital e em última medida controlar os (as) causadores (as) de desordem. Dados os limites desta exposição nos centraremos na institucionalização do serviço social e o complexo da educação.

3 SURGIMENTO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL.

O Serviço Social enquanto prática profissional especializada surge no Brasil em meados da década de 1930, quando o país passa por uma onda de industrialização durante o chamado Estado Novo, naquele momento a categoria profissional passa a qualifica-se, pois estava inserida na divisão sócio e técnica do trabalho e por isso precisava responder as demandas históricas que estavam sendo-lhe colocada. Ainda fortemente influenciada pela Doutrina Social da Igreja Católica, as assistentes sociais eram na maioria mulheres da alta sociedade paulista que exerciam uma espécie de caridade tecnicada. (IAMAMOTO; CARVALHO, 2012)

As observações sobre os comportamentos individuais e coletivos faziam parte do cotidiano profissional, imaginemos que naquele momento o panorama internacional era de ascensão dos regimes totalitários na Europa, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas chegavam a seu apogeu, o cenário belicoso estava como uma aura que recobria o planeta, as ações no mundo capitalista, do qual o Brasil fazia e faz parte de forma periférica,

⁸ Santos (2012) elucida que segundo a compreensão marxista de categoria, como formas de ser e formas concretas de existência, a expressão “Questão Social” não é considerada uma categoria, pois advém de posições teleológicas secundárias, e ademais é proveniente de um horizonte conceitual conservador, por isso o uso das aspas.

⁹Matinelli (2001, p.44) evidencia que “[...] a vitória da máquina significava a derrota do trabalhador; para não ser derrotado, era preciso destruí-la, bem como a fábrica que a abrigava”. Aos poucos, conforme a autora em referência, os trabalhadores começaram a perceber e tomaram consciência que os seus reais opressores eram os detentores dos meios de produção e não o maquinário. Essas primeiras reivindicações foram ganhando corpo à medida que o pauperismo aumentava e, posteriormente, a essas, os operários começaram a pleitear em relação a insatisfação do trabalhista.

¹⁰ O movimento dos *JiletsJaunes*, ou coletes amarelos, é um movimento que acerca de meses se espalha pelo território francês, são muitas as manifestações e as pautas, contudo, uma reflexão mais aprofundada do tema é necessário, já que em alguns pontos, como por exemplo a ausência de “partido político” é semelhante as manifestações de 2009 no Brasil que culminaram com o Golpe de 2016.

precisavam rechaçar tudo que estivesse fora do que se esperava do mundo capitalista. A igreja que perdia fiéis, somou parte em um processo de cristianização social, o que significava vigiar e o Estado por sua vez punir, àqueles e àquelas que eram dissidentes, vagabundos (as), vadios (as), prostitutas, os (as) praticantes de sexualidades que não correspondiam ao binômio homem-mulher heterossexual.

Nesse sentido a formação humana dos sujeitos históricos devia seguir o manual da Igreja, bem comportados (as), religiosos (as) e trabalhadores (as), o que permitiria a reprodução do capital que entrava em sua fase monopólica. Diferentemente do pensamento de Bonder (1998) em que em seu livro *A Alma Imoral* reflete a importância da transgressão para o avançar histórico, para o citado autor, o devir humano está interconectado com a capacidade de ultrapassarmos as barreiras impostas, no entanto como o realizar quando se busca que os corpos rebeldes e dissidentes sejam a todo custo disciplinados? a indisciplina e os comportamentos que fogem às normalidades são considerados um perigo para a reprodução social e a manutenção do *status quo*, Federici (2010) em *Calibán y la Bruja*, demonstra como os corpos dos servos e das servas foram disciplinados para suportarem o peso da nova sociabilidade, o capitalismo para se colocar como uma nova ordem social precisava de corpos que estivessem de acordo com os novos valores ou desvalores engendrados pela ordem sócio-metabólica da nascente sociabilidade. Para Foucault (2009) busca-se um corpo produtivos, aqueles que segundo o autor são os dóceis e produtivos.

4 EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS FRENTE A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Nessa terceira parte buscaremos refletir o que é a educação e seu papel na sociedade atual, para pensar essa questão de uma profundidade sociológica e filosófica teremos como texto base O que é a Educação de Brandão (2007), buscaremos traçar um dialogo com o sobredito autor a partir de nossas vivências e experiências como pessoas em processo de formação, enquanto profissionais e seres humanos. Na tentativa de explicitar nossas ideias surgidas a partir da leitura da obra já citada, autores como Engels e Marx (1999) e Lessa (2012) se apresentam importantes para pensarmos o que significa o processo de educação em seu sentido amplo, aqui entendido como um devir humano, que, no entanto, é marcado por conflitos e contradições.

Um problema que nos leva a pensar qual o nosso papel enquanto indivíduos singulares pertencentes a uma universalidade humana em um momento de retrocessos nacionais e internacionais que se colocam como empecilhos ao desenvolvimento social e intelectual. Ressaltamos, que a concepção de educação aqui apresentada não se restringe aos sentidos clássicos dado ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Brandão (2007) nos mostra que a educação por muito tempo foi realizada fora dos muros das escolas e das universidades, os ensinamentos sobre o mundo e a vida eram transmitidos nas relações cotidianas e possuíam uma estreita relação com o mundo da prática e a reprodução social. Eram repassadas as novas gerações formas de ver, compreender e agir sobre o mundo. Nesta direção, o saber apresentava uma finalidade de integração social, a divisão do trabalho baseada em critérios etários e sexuais já indicava um comportamento, uma determinada forma de relacionar-se com o mundo de cada geração, o que Lessa (2012) após Lukács, denomina posição teológica secundária, aquelas práticas que diferentemente da troca orgânica entre as pessoas e a natureza, chamadas de posição teológica primária, essas influenciam as maneiras de pensar e estar e no mundo, incidindo na escolha do que será objetivado em cada época histórica.

As posições teológicas secundárias são segundo Lessa (2012), originadas da complexificação do mundo e das relações trazidas pelo trabalho, que em suas categorias internas e processualidade inerente transforma a natureza e as pessoas, produzindo novos conhecimentos sobre o mundo e contribuindo para o devir histórico da humanidade. O longo processo de tornasse humano é em si um processo educativo, Brandão (2007) aponta que os (as) antropólogos (as) clássicos ao viajarem para as várias partes do planeta não nomeavam com a palavra educação os processos de ensino e aprendizagem que observavam, escreviam sobre os ritos de passagens, a organização social de cada povo estudado, mas não pensavam/denominavam os fatos observados como educação, ou como, se não houvesse um processo educativo anterior para que as pessoas agissem de uma forma e não de outra.

Brandão (2007), expõe que os ensinamentos, em outras palavras a educação era repassada no cotidiano, não havia um lugar específico para que acontecesse, em casa, na floresta, na colheita ou em qualquer momento da vida grupal, conhecimentos eram repassados para que as novas gerações aprendessem a cultura, a religião e todos os conhecimentos necessários para a continuidade da sociedade então vigente. Assim, o papel esperado de cada ser, era ensinado, imprimido nas relações sociais, atribuindo uma identidade aquelas pessoas que eram consideradas de certa forma imaturas, incompletas.

Em *O que a Educação?* Brandão (2007), defende a tese que a escola como conhecemos hoje foi uma criação das sociedades antigas clássicas, na Grécia e Roma antiga, teriam criado um espaço por excelência para a aprendizagem. Em Mandel (1978) a sociedade de classe encontrou sua base material no desenvolvimento da agricultura e da pecuária, se antes os prisioneiros de guerras eram mortos, pois não existiam possibilidades de sustentá-los, pois vivia-se numa excassez constante, poderiam a partir de então, serem utilizados como escravos, uma força de trabalho explorada ao máximo sem nenhuma remuneração. Brandão (2007) nos mostra a existência de duas educações, uma voltada para os dirigentes do estado

e para os pobres, evidentemente como assevera Karl Marx(1999), as idéias da classe dominante são as predominantes, pois a cada modelo de produção corresponde uma visão de mundo, somente por meio dela poderá se chegar a uma dominação. As pessoas dominadas precisam acreditar em sua inferioridade e necessidade de dominação, ao contrário a predominância de conflitos resultará numa mudança social, no estabelecimento de um novo modelo de produção.

Se dermos um salto de alguns séculos na história, assistiremos a desintegração do modelo de produção escravista clássico, a luta de classes, o motor da história, como denomina Marx e Engels, dava mais um passo em direção a uma nova organização social. Com a queda do império Romano do Ocidente no século V da era cristã, se inicia a Idade Média. Pensar a educação nesse período é pensar o predomínio da igreja católica e suas concepções sobre o que devia ser estudado. No entanto, por volta do século XV com as grandes navegações, crescimentos das cidades, retomadas das atividades comerciais, a Idade Média começa a dar sinais de enfraquecimentos, o Renascimento Cultural (Séc. XIV ao XVI) e o Iluminismo (Séc. XVII e XVIII), irão suprimir o modo de vida anterior. A educação aparece como algo que irá libertar a humanidade de todas suas amarras dos velhos moldes, *L'ancien Régime*, conhecia seu fim, a Revolução Francesa de 1789, com suas promessas de liberdade, igualdade e fraternidade realizava uma transição política, fruto de uma aliança entre burguesia e trabalhadores, contudo, logo depois de chegar ao poder a burguesia perdeu seu caráter revolucionário. (MARTINELLI, 2008).

A razão que se apresentava como libertadora da humanidade logo se tornaria sua algoz, a Corrida Imperial do final do século XIX, fez da Europa um barril de pólvora que explodiu com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a carnificina da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) mostraram que a razão, na verdade, não cumpriu seu papel de elevação do espírito humano, pelo contrário, mostrou o quão perverso pode ser o humano ávido por poder, um poder que fascina e domina (FOUCAULT, 2010).

Pensar o horror das guerras, é de certa forma pensar o fracasso humano? Seríamos capazes ultrapassarmos o mal? A educação seria a responsável por isso? No presente texto não poderemos aprofundar tais questionamentos, apenas salientamos que o processo histórico de devir humano é marcado por avanços e retrocessos e que alguns momentos da história, depois de grandes momentos de traumas, algumas demandas das classes subalternas forma atendidas, por exemplo, o estado de Bem-Estar-Social na Europa Ocidental, embora seja necessário pensar algumas mediações como a transferência de renda dos países periféricos para os países de capitalismo central.

Na sociedade contemporânea, as transformações no mundo do trabalho, atingem de forma voraz todas as esferas da vida, alguns autores dão alguns nomes que por si só nos

permitem pensar a profundidade das transformações, Mészáros (2011) denomina crise estrutural do capital, outra como Rita Segato (2016) chama de momento Apocalíptico do Capital, ou ainda, Capitalismo Rentista Neo-Extrativista por Alba Pinho. Os rebatimentos desse momento do capital são sentidos de forma árdua pela classe trabalhadora que veem às políticas sociais serem desmontadas em vários países do mundo, como França, Espanha, Itália, mais recentemente a Suécia também realiza reajustes em suas políticas sociais. A educação tanto em seu sentido amplo de tornasse humano quanto o mais estrito de educação formal são desmontados, reconfigurados, no Brasil a PEC 95 que prever o congelamento dos gastos pelos próximos 20 anos, castigará mais ainda a educação pública brasileira historicamente sucateada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto em tela, buscamos de forma breve, expor um pouco da formação humana e as implicações do Serviço Social e o complexo da educação sobre esse processo. Cabe salientar que os sentidos que demos a educação foi um sentido amplo, de devir, de tornasse humano. Vimos com Brandão (2007) que a escola no modelo que conhecemos nasceu no mundo ocidental na Antiguidade Clássica na Grécia e Roma.

Buscamos, então, pensar o papel da educação ao longo de alguns séculos embora nossa reflexão tenha sido um breve passeio, pois dois mil anos não são possíveis de resumir, a não ser um aspecto específico sem levar em consideração todas as mediações necessárias para um bom entendimento. Ao mesmo tempo, vimos como a categoria de Assistentes Sociais foi, em suas protoformas, acionada para, assim como a educação, controlar os corpos rebeldes.

Por fim, relatamos o quão complicada é a situação da classe trabalhadora que historicamente teve seu direito a uma educação formal negado e que atualmente, no período de fortes transformações no mundo do trabalho e que atinge as variadas formas de viver e sentir, mesmos os *países do norte* de capitalismo central, estão com retrocessos nas políticas sociais.

Diante das refrações da crise estrutural do capital, pensamos que a educação e a posição de toda e qualquer categoria profissional, não somente de assistentes sociais, deve estar centralizadas na direção a uma organização social *para além do capital*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era docapitalismomanipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro**Os sentidos do Trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BONDER, Nilton; A Alma Imoral: traição e tradição através dos tempos. Rio de Janeiro: Rocco: 1998.
- BOSCHETTI, Ivanete. Agudização da barbárie e desafios ao Serviço Social.**Serviço social e sociedade**. São Paulo, n. 128, p. 54-71, jan./abr. 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues: **O que é educação** . São Paulo: Brasiliense, 2007. – coleção primeiros passos. 54 p.
- BRASIL. **Consolidação das lei do trabalho. Decreto-lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del5452.htm>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- LUKÁCS, Gyorgy. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**; tradução
Telma Costa; Revisão Manuel a. Resende e Carlos Cruz. 2. Ed. Rio de Janeiro: Elfos Ed, 1989
- _____. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 1968. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf. Acesso em: 2 out. 2018.
- CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- ENGELS, Friedrich; **O papel do trabalho para a transformação do macaco em homem**. Mariana, SP: Global Editora. 1982.
- FEDERICI, Silvia. **Calibán y labruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Tradução: Verónica Hendel; Leopoldo SebastiánTouza. Edição: Mario SepúlvedaSánchez. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010.
- FOUCAULT, Michel: **Uma Introdução a uma Vida não Fascista** in; DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. tradução de Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo: Ed. 34, 2010. 560 p.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de RaquelRamalhete. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MANDEL, Ernest: **Introdução ao Marxismo**.Ed. República 130. Porto Alegre – RS. 124 p.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. Serviço **Social: identidade e alienação** -12.ed. – São Paulo: Cortez, 2008. 165 p.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: **O capital**– Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril, 1983.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Tradução Francisco Raul. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Para além do capital**: rumo a teoria da transição. Tradução Paulo CezarCastanheira; Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. In: Perú Indígena, 1992. Disponível em: <<http://www.lavaca.org/wpcontent/uploads/2016/04/quijano.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

SÉRGIO, Lessa: **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. Ed. ver. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 240 p.

Cornejo *et al.* 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

SEGATO, Maria Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madri: Traficantes de Sueños, 2016.